

ESCRITAS : MANIFESTOS

ARRISCAR A VIDA

Fragmentos de um Discurso Aventureiro

RODRIGO E. R. SILVA

CADERNO N.º 8

ARRISCAR A VIDA

Fragmentos de um Discurso Aventureiro

RODRIGO E. R. SILVA

*Impõe a tua chance. Serve a tua felicidade. Vai em direcção ao teu risco.
Ao ver-te, eles habituar-se-ão.*

RENÉ CHAR

*A poesia, como o amor, arrisca tudo por uns ténues sinais
que nos convocam silenciosamente.*

MICHEL DEGUY

A arte é um risco corrido, até ao extremo do possível.

MAURICE BLANCHOT

O que pode significar a afirmação *arriscar a vida*? Que apelo se esconde nessa proferição desassombrada, nessa intimação imperativa? É uma *incitação* a jogar com a morte ou uma *convocação* para o viver, para um viver mais amplo e mais pleno? *Arriscar a vida*, no seu sentido mais imediato, soa e ressoa como uma prova aventurosa: enfrentar a morte e sobreviver. O risco é mortal, ou talvez devêssemos dizer: ser mortal é estar em risco, em risco de morte. São mortais os que estão vivos. A vida é um risco inantecipável e incalculável assumido por nós, os vivos. Expor-se ao perigo é o nosso destino de humanos: somos infinitamente vulneráveis, tidos e mantidos numa frágil trama de interdependências. A vida vivida nunca é neutra: lança-se para o desconhecido dos encontros e dos começos, num instável equilíbrio que busca em cada passo dado encontrar um novo equilíbrio. Será que existe e podemos pensar, alojado no coração da própria vida, um impulso insondável, uma música secreta, um apelo segredado ou uma voz interior, capaz de mudar a existência, de a fazer *impelida* e *insuflada* pelo desejo? O que acontece com uma cultura e uma sociedade que persiste em considerar esse risco de viver sem logo o conjurar, sem o tornar um acto transgressivo, pura loucura, comportamento desviante que rompe os conformismos e as conformações aos modelos e às lógicas da reprodução social? A expressão é, arrisco dizê-lo, uma das mais belas: tudo nela é abertura e promessa, sem desígnio e sem destinatário, sem nome nem morada. “Risco” designa um movimento indeterminado que abre um espaço desconhecido. Ele metabolizaria um *instante de decisão*, uma escolha de vida e, nisso, o nosso relacionamento íntimo e essencial com o tempo, com o compromisso de viver, com o ofício ou com tarefa de viver: com a forma como escolhemos viver, com o que fazemos com o tempo que nos é dado viver. É um corpo-a-corpo com o desconhecido: uma luta da qual não conheceríamos o adversário, um desejo do qual não conheceríamos o objecto, um amor do qual não conheceríamos o rosto: um *acontecimento* puro. Talvez o risco seja o nome de uma região do Ser antes mesmo de ser um acto, se implicar uma certa maneira de estar

no mundo. Tantas vezes o risco não está lá onde o julgamos antecipar, não se aloja onde o esperamos, como um passageiro clandestino. O *inesperado* é, sem dúvida, o que melhor define; podemos celebrá-lo ou lamentá-lo, mas o seu rosto é *inantecipável*. O lugar do risco na vida é a imagem móvel da solidão diante do destino, diante o silêncio dos espaços vazios. Numa sociedade e num tempo onde tudo foi colonizado pelo cálculo e pelos algoritmos, onde os mais ínfimos movimentos do viver e do desejo, são perscrutados e traduzidos em dados e informação, o risco é um acto de resistência e uma afirmação da vida viva. Na afirmação da verdadeira liberdade, aquele que no desassombro da coragem sabe intimamente que nada tem a perder, pode arriscar-se a tudo (e esse será o mais temível dos adversários). O maior perigo não se esconde no que ignoramos, mas muitas vezes no que tomamos como certo e que não o é (tantas vezes a vida nos mostra que os males que se abatem sobre aqueles que se enquistam no medo são os mais fatais). Podemos julgar a capacidade de alguém ao grau de incerteza que é capaz de suportar, porque o mais seguro é ficar, não ir, não fazer. Para nada perder, nada ganharmos: nada arriscar é o fantasma da imunidade absoluta e da protecção total, o espectro mortífero do fechamento à vida.

O risco é um combate mortal porque um combate de mortais: um combate onde se joga a nossa vida, onde *não podemos ser espectadores do mundo*. Não podemos ser *espectadores da nossa vida*: estamos nela implicados e embarcados, sem retorno ou sem regresso possível. Tantas vezes a vida se deixou enredar no que a enquista, no que protege – ilusoriamente – de estar *exposta* ao desconhecido, ao não-conforme, à transformação, à impermanência. No risco, *em risco*, lidamos com uma adversidade do desconhecido, com variáveis imponderáveis e talvez incomensuráveis, com um desejo e com forças de vida que não conhecemos inteiramente e que em grande parte nos escapam: com um *puro espaço de acontecimentos vivos*. O risco, *escolhido* ou que vem ao nosso *encontro* sem que o tenhamos procurado, *implica-nos* no desconhecido, numa noite escura da alma, num não-saber. Uma ética da *aventura* e da *ousadia*, um *ethos* do *desassombro* e da *coragem*, de tudo aquilo que se ergue e subleva contra o medo. Há no “arriscar a vida” uma reserva

insuspeita de liberdade: de liberdade interior, no risco corrido e assumido, uma assunção da fragilidade e da vulnerabilidade, de viver sem prescrições. Uma fragilidade pensada como aquilo que está exposto, *nu diante da vida*, sem estar armado com o arsenal de pressuposições e suposições, sem nela projectar imediatamente todo um dispositivo armadilhado de sentidos feitos e fabricados. Uma vida não movida pelo grande ideal, pelo código da moral e das grandes narrativas que nos conduziram aos impasses das neuroses, das fantasmações e maquinações das quais nos tornámos sujeitos obedientes, corpos dóceis e submissos. A ausência de risco pavimenta o caminho do enfraquecimento e da submissão, nas precauções multiplicadas que albergam em nós os medos que nos adestram.

Desde a mais tenra infância, desde o nascimento, que estamos *dependentes* e que procuramos emancipar-nos, diferenciar-nos: conquistar uma ilusão de independência e de autonomia, que se arranca e extrai daquilo de que incuravelmente dependemos. Mas somos nutridos pelas linhas e pelos fios de *uma teia de interdependências subtis* que nos mantém em vida. Nessa dependência benéfica há um *assumir*, não de uma impotência mas de uma *fragilidade nativa*: o assumir que vimos do dois, que vimos do amor, de uma mãe que nos cuidou quando estávamos na mais estrita e absoluta dependência. Há um *outro* que precede e pré-existe ao eu, que é anterior a *nós*, anterior a qualquer identidade. Assumir que vimos de um outro, que se é dependente, é assumir a nossa finitude e, mais do que assumir uma dívida, é assumir que vimos de uma imemorial continuidade, submersa e secreta. Que uma *noite obscura*, um *reino anterior*, nos precede: antigas lealdades, fidelidades não assumidas que nos condicionam, um resto arcaico que nos trabalha intimamente. O trabalho da *emancipação*, da *liberdade* e da *vinda à consciência*, é longo e lento, é duramente e pacientemente adquirido, sob este cenário de fundo, que exige múltiplos nascimentos e renascimentos, múltiplas provas e provações, expor-se ao desconhecido, em cada escolha e em cada decisão. Não se trata de arriscar morrer mas sim de arriscar viver: reencontrar essa *anterioridade* que abre um espaço desconhecido, que cada um de nós experimenta quando o inaudito surge nas nossas vidas, quando sob o rosto do novo sentimos,

pulsantes, os pressentimentos do terrivelmente arcaico. Arriscar a vida a partir de um saber ainda não conhecido em nós: como uma profecia íntima, que nos convoca como uma voz interior, que nos guia pelo desconhecido dos gestos e dos encontros. Como um regresso a casa, mas a uma casa desconhecida: não sabemos o que virá porque ela tem origem na obscuridade, no inverificável, no incerto mas temos muitas vezes, após o risco corrido, uma sensação de reencontro. Sabemos que um dia tudo o que amámos, tudo o que esperamos, tudo o que realizámos será apagado mas ainda assim se não arriscarmos, se recusarmos o jogo da vida, não vivemos. O pior risco é o risco de ter passado ao lado da sua vida. Não existe liberdade sem risco, sem aventura, e, tantas vezes, o risco de (quase) tudo perder. Aquilo que *aceitamos e acolhemos* na vida é, no momento mesmo, aquilo que arriscamos perder. Recusar o risco é recusar viver, abdicar da promessa de ser metamorfoseado, de ir ao encontro do que nos faz mais vivos, de nos arriscarmos a ficar lamentar o que não ousámos tentar.

A beleza do risco tem a sua sede numa *vertigem*: o instante da decisão é como uma loucura que nos acomete (essencial para decidir), como um *kairos*, o momento único e decisivo de uma ocasião. Uma temeridade insensata ou uma sensatez imprudente, que faz de cada escolha e decisão uma mistura intangível de emoção e de pensamento. Pensar o risco é pensar a dimensão de uma loucura essencial em nós, algo que não é *avaliável* nem *quantificável*, algo do *irrazoável* ou do *irracional*, do que não se pode reconduzir à razão (supostamente) soberana e que tentamos sempre esconjurar, de que nos tentamos sempre afastar. Na era em que quase tudo é quantificável e numerável, codificável e programável segundo cálculos de probabilidades, entregar-se a algo que não é representável, que vem de um *longínquo*, de uma *anamnese* essencial, de uma *inteligência secreta*: descobrir quem se é por debaixo das camadas do tempo e da memória acumulada, em busca de uma memória e de uma percepção, interior e anterior. Não é alcançável senão por um *salto no absurdo*, por um salto quântico, que exige uma *outra escuta de si*, uma auscultação da *parte de desconhecido em nós*, diferente desse comércio habitual de conveniências que mantemos connosco e com os outros, no quotidiano das rotinas e do vulgar. Isso exige uma *reviravolta*, uma *conversão*, uma *tomada de consciência*: pode

ser que a nossa vida não esteja certa, não tenha de ser isto em que ela se tornou e que nós tenhamos de ser *aquele em que nos tornámos, aquele que julgamos ser*. Temos de nos *arriscar a ser-outros*, imaginando e *apostando aventurosamente* que podemos ser outros do que aqueles que julgamos ser. O contrário exacto da neurose, diria a psicanálise: a repetição dá lugar à *efracção do inédito*, ao *deslocamento ínfimo* por vezes para responder a um *apelo infinito* em nós. Para ajudar alguém é preciso ajudá-lo a arriscar, colocar a falsa tranquilidade da segurança enquistada, de uma vida que não se vive porque não (se) arrisca viver. Não *renunciar*, não *abdicar*, não *resignar*, não *desistir*: nunca ceder no seu desejo, como apostrofava Lacan.

Trata-se, em certo sentido, de (aceitar) perder a medida e abrir uma grande angular: ver a vida e o universo a comunicarem-se em nós, na sua inteireza e imensidade. Não se confinar ao pequeno-eu e ao egóico; aos que se recusam a amar (a arriscar amar), a nobreza da alma que desperta em nós as qualidades humanas mais tocantes, entra num mutismo indefinido. E isso, tantas vezes, implica encontrar as suas *feridas e mágoas*, *afrontar* o passado e os *medos*, *escavar* a *memória* e as *perdas*, fazer pacientemente e humildemente as *anamneses essenciais*: atravessar a dimensão de desconhecido, a noite interior e o nocturno íntimo e encontrar o seu curador ferido (como dizem, magnificamente, aos iniciados no xamanismo). Aí nisso uma *reserva de liberdade* inigualável, uma *coragem de ser*, uma força interior para ir aos limites do que conseguimos nomear e dizer. Só aquele que ousou ir mais longe soube até onde era possível ir. Aí, nesse extremo do possível, surge o *inesperado*: as transformações interiores, as transmutações silenciosas, que amadurecem na lentidão e que de súbito fazem efracção em nós. Abrir espaço para aquilo que nunca foi verdadeiramente assumido ou articulado, para o que resiste a ser enunciado, ao mesmo tempo que atravessamos fragmentos de vida deparamos com imagens de vidas nunca antes vividos que não vêm de nenhum passado ou vivido biográfico (não é isso também a parte de desconhecido mais essencial do inconsciente?). Desdobramentos de uma memória inconsciente a explorar, que não sabemos de onde provêm. Há em nós *proveniências desconhecidas*, que vão mais fundo e mais longe do que qualquer memória ou passado colectiva, historicizável

ou arquivável. Que *vida arcaica*, uterina, é essa que emerge das profundezas? Que *infância imemorial* é essa que está antes das memórias e de qualquer passado? Esses vestígios de um tempo imemorial, de um *tempo antes do tempo*, de *uma vida antes da vida*, são um reconhecimento de algo anterior a qualquer identidade (e fazendo de qualquer identidade uma construção factícia e fictícia, sempre *après-coup*, *a posteriori*). Uma *confiança radical no desconhecido*, permitir-se atravessar fragmentos de experiências que permanecem *reprimidos e recalçados, inibidos e abafados* é preço de se conhecer. Arriscar é fazer a travessia dos nossos *impossibilitamentos e inasequimentos*, dos nossos *auto-impedimentos*, dos nossos *boicotes e sabotagens*, que fazemos sobre nós de forma inapercebida. De tudo o que está coarctado, ocultado, negado e que hoje é grotescamente administrado e dirigido diariamente pelo imenso reino das distrações.

A vida é um *risco permanente*, já o sabemos: podemos morrer – mas esse saber é ainda pouco ou inconsistente. “Arriscar a sua vida” não é necessariamente testar a *provas dos extremos do sobreviver no limite* ou do expor-se *gratuitamente* à morte e ao mortífero. Não se trata de um elogio da pulsão de morte ou de um fascínio mórbido pela aniquilação e pelo abissal. A relação que temos com a morte acompanha-nos *como uma sombra em cada passo*: é latente, incessante, talvez indecifrável e indetectável (apesar da sua constante presença como possibilidade). Estamos hoje, cada vez mais, diante de formas de vida onde o risco e a sua percepção se alterou: arriscar vida quer hoje dizer coisas muito diferentes em distintos lugares da terra e, se podemos reconhecer o sentido existencial essencial para a descoberta de si, também sabemos que esse apelo pode ser obsceno quando vivemos num campo de ruínas e de ameaças permanentes. Aqueles que sempre foram forçados a viver arriscando todos os dias face ao mal, em que cada dia e cada instante é uma conquista face à morte, na sua latência corrosiva, expressa no sofrimento, na privação, na humilhação, na indignidade, no estar desmunido e impotente diante de cada acontecimento, como um risco sempre acrescido, o de cair e deixar-se cair e abater-se na miséria consentida ou organizada. Viver em zonas destruídas ou deprimidas, expostas à repetição do trauma e do agonizante, onde a luta diária para sobreviver faz

dos riscos corridos *uma condenação à morte diferida*: pense-se na condição dos migrantes e dos refugiados, daqueles que habitam entre a desolação inumana da guerra, que se tornaram hoje uma imagem persistente da condição humana global. Tantas zonas sinistradas ou do desastre, da qual desertaram o desejo e o sentido, lá onde *viver a sua vida* se tornou impossível. Zonas onde a ideia de *arriscar a vida* (mais do que a *sua vida*) tornou-se *inimaginável*, porque vida se tornou sufocada, impossibilitada, inviabilizada, incapacitada, constringida pelos *impedimentos* de viver, pelas fatalidades omnipresentes, pelo infortúnio perpetuado, pelos cataclismos humanos da guerra e pela inclemência das transformações climáticas dos ecossistemas terrestres. Maneiras de estar no mundo onde o risco não é possível (porque é apenas ameaça do pior), onde os conflitos permanentes tornam a vida impossível de se arriscar: não é possível arriscar viver ou arriscar ser porque a vida é um permanente risco de morte.

Mas há outras formas, dóceis e inconspícuas, de incapacitação do risco, lá onde estamos postos em segurança: nas vidas funcionárias, homogeneizadas, niveladas, também *vidas mortas-vivas*, vidas que se imunizaram do risco, vendendo-se a um tráfico de pequenas seguranças que dizem defender e preservar, à repetição maquinal das pequenas ilusões e das pequenas distrações, das pequenas compensações com que vão negociando uma *semi-vida*. Vidas de uma *depressão inconfessada* e não diagnosticada, de lealdades pesadas e não interrogadas, vidas de servidão voluntária, que chumbam os passos e os gestos, que amordaçam a capacidade de falar por si, de dizer as razões do seu desejo e da sua alegria. Vidas que consentem as ordens e obediências à hierarquia social, às formas de dominação e opressão: “*para o nosso bem*”, “*normas de segurança*”, “*regras de precaução*”, “*verificações de conformidade*”, dizem. Vidas incapazes da ruptura e de cortar as amarras com o passado e com a “cola” densa da família, essa de que é tão difícil emancipar-se, libertar-se do seu peso e presença, que nunca conseguimos deixar ou abandonar o suficiente para poder realmente amá-la. A *impossibilidade das verdadeiras rupturas*, aquelas que implicam assumir o risco das suas escolhas e do seu desejo, de perseguir um sonho ou de inventar *uma vida*, de inventar *a sua vida*. Estamos em *envelopes* e *embalsamentos*, que nos interditam qualquer passo fora

do círculo de fogo das coisas admitidas e toleradas. Essas *verdadeiras rupturas*, ruptura com as nossas origens e a busca de quem se é ou de quem se busca a ser, são *camufladas* por muitas *pequenas pseudo-rupturas heroizadas e falsas aventuras fingidas* (por exemplo, nas adições e nos consumos, exacerbados, descontrolados), adiamentos, remissões, protelamentos. A língua, o modo como falamos ou como calamos, são o primeiro lugar das nossas obediências, das nossas incapacidades e impossibilitamentos, dos nossos consentimentos tácitos e assentimentos mudos, as lealdades cegas, as adições que materializam a nossa renúncia (as mulheres sabem isso desde há séculos, desde o jugo obsceno e intolerável da dominação masculina). Mas a linguagem, a palavra, é sobretudo o lugar, por excelência, da *desobediência e da liberdade: o espaço interior* de uma *vida anterior*, que excede as sujeições e subjetivações que nos foram impostas. A linguagem, a palavra livre, é o lugar da nossa força de alma, do nosso impulso vital. Nós somos humanos porque somos seres de linguagem: é pela linguagem que damos forma ao *informulado* (mais do que o passado, mais do que o vivido) em nós, à experiência imanente do encontro com a terra e da descoberta do mundo. É pela linguagem que saímos do *inelutável e do inevitável*: que lhe damos resposta, que o combatemos, que emergimos. Falar, pensar, é *desobedecer*: é arriscar a sua vida, em busca das experiências que se desamarram dos impedimentos do ser e do viver.

Os adolescentes, os jovens, por exemplo: tentam enfrentar o seu estado de *paixão interior* com algo que traduziria no exterior esse *desassossego íntimo*, essa *energia aventureira, libidinal e hormonal*, tantas vezes pondo a sua vida em risco, figuram o *desafio da morte* pela *vontade de viver* que não se deixa intimidar. Nas *condutas de risco* e as *práticas do extremo* (da dor, da escarificação do corpo pela tatuagem e pelo *piercing*, dos desportos radicais, dos consumos psicotrópicos do álcool e das drogas, dos excessos da festa), o *expor-se à morte* é um *ritual de passagem* para conquistar em si um *autodomínio* que *cala o medo de viver* e que permite enfrentar as expectativas, as frustrações, os impasses. Traduções que *assustam os adultos* que se *desesperam para proteger* os mais jovens, porque a vida adulta, que *entrou nos eixos* e abandonou as *transgressões febris*, a *fúria de viver* enfim acalmada, o fervor de vir a ser que se converteu aos

deveres responsáveis da unidade funcional da família produtiva, da mediania medíocre da classe média (cada vez menos média e mais pobre, nos tempos da necropolítica neoliberal). Conjurando-a e desfazendo-se dela, para se fazer membro útil da economia produtiva, abdicando do risco em torno dos confortos vendidos a crédito e pagos a prestações (casa, carro, móveis), desse *mobiliário de e-moções e móveis ikea que povoam o vazio existencial i-móvel*. O drama que emerge das *passagens ao acto* que são frequentemente a *caricatura de rituais de passagem fracassados, do malogro* que se abateu sobre um *saber das passagens e das transições, das etapas e dos momentos*, cada um exigindo de nós a integração de uma certa *elevação*, de uma *emancipação*, de uma *maturação iniciática* que joga com os interditos e com as liberdades, com a *adversidade* e com a *aprendizagem das interdependências* (que não são um aquiescimento à obediência). Uma sabedoria ou arte do risco reside em todas essas manifestações. Pode ser que o risco seja, na *bravura* e na *audácia intrépida*, um *exercício de humildade*, uma *aceitação dos limites*, uma consideração das fronteiras e das distinções. A dramatização exacerbada dos riscos e dos perigos, da deriva das transgressões, da perdição que pode acontecer é o *Grande Impedimento da Economia do Medo*: uma administração calculada do impedimento e da inibição subliminar que nos impede de realmente procurarmos a (nossa) verdade, de *descobrir quem somos*. O *tudo ou nada* é também uma *chantagem imatura do absoluto*: a vida é feita de *nuances, de tonalidades, afinações e ajustamentos* que vão *apurando e refinando* um certo *desfasamento* com mundo, um *atrito* que torna a vida aberta e reflexiva, capaz de se escolher e se auto-definir. A vida é constitutivamente *adaptogénica* e *simbiótica*: ela compõe permanentemente com o múltiplo e com o *encontro inesperado do diverso*. O *tudo ou nada* são *lógicas da interdição* ou da *fusão indiferenciadora*. São uma deturpação do risco, que faz passar o risco de viver e de ser pelo risco de morte.

Assumir o risco da *interdependência* é acenar para a nossa condição *epigenética*. Na ideia de *autonomia*, que é uma bela ideia, quando hipostasiada e idealizada como um sentido único, há uma *clara traição ontológica*: conceber-se sem amarras e sem laços, deslizar para hipóstase do querer e da vontade de um sujeito ou de uma identidade, do impulso construtivista do *self-design*,

da amplificação uma certa megalomania do sujeito-suposto-saber e de um egocentrismo indisfarçável, definido pela lógica de apropriação e dominação (uma lógica do poder e da vontade que ancora as projecções do sujeito). Supõe-se – *um certo sujeito supõe* – que só acederíamos à vida adulta ou emancipada, imprimindo incessantemente a nossa vontade indômita sobre o nosso pensamento ou sobre os nossos actos. Esse sujeito, com as suas sujeições queridas e afeiçoadas mais do que desejadas, afastaria e separar-se-ia, colocaria à distância, num distanciamento socialmente correcto cumprindo a boa etiqueta e o bom protocolo, tudo o que nos anima e que é da ordem do *arcaico*, do *medo*, do *envolvimento* e do *enlevo desconhecido*, do que se aproxima e toca o corpo, de um *imemorial* ou de um *nocturno*, do *maternal*, do *selvagem*, e portanto, *daquilo que nos expõe à fragilidade e ao desconhecido*. Ao Feminino do Ser, arriscaríamos dizer: o da *apreensão sensível da vida* como coisa do *cuidado* e do *amor dado*, da *doçura* e da *generosidade*, da *partilha* e da *participação*, daquilo que implica *assumir a sua vulnerabilidade*, assumir a sua *fragilidade* e o seu *desejo*, assumir que somos um corpo delicado e que pode quebrar. Noutros termos, também psicanalíticos: de uma certa *cena das origens* onde a força (a energia masculina, *lactu sensu*) *subjuga* e *submete* a dependência e a fragilidade (reprimindo e inibindo, e depois ocultando, fazendo-a render-se, pela violência da força e da coacção). O *retorno do recalcado*, velho tema do discurso psicanalítico (e que hoje se expande, reciclado, nos livros de desenvolvimento pessoal), aquilo a que precisamos sempre regressar para restituir à superfície, para desocultar, na “cena analítica”, é tanto mais forte e tanto mais *agressivo*, *perigoso* e *virulento* (no *sintoma* ou nas suas passagens ao acto), quanto esse recalcado que retorna não vem do exterior mas, *inconfessadamente*, do *sujeito mesmo*. Daquilo mesmo que ele silenciou, com o ruído e com as distrações, dos corpos e imagens *remodeladas* como produtos de *self-design*, com o *inconsciente narcísico da publicidade* e com as imagens da auto-encenação digital de si como *persona* “interessante” (olhem o que eu estou dizer, vejam o que estou a fazer, tudo o que faço para ser quem sou e poder mostrá-lo): eis a grande máquina do consumo e do entretenimento, com a orquestração elaborada da comercialização da sedução, que converteu a esfera virtual das redes digitais num grande mercado do parecer e do ser. O corpo *performativo* e o corpo *produtivo*, como

o corpo construído a golpes de imagens e de frases escolhidas, são avatares do corpo da Força e da Vontade: é o corpo que denegou a sua fragilidade e que é, portanto, incapaz de *co-habitar* e *co-existir* na *fragilidade partilhada*, que ele toma como ameaça permanente, como queda numa desprotecção (nessa exposição à alteridade de que o feminino do ser é a metáfora ontológica). Força e volição, lançadas contra a interdependência e fragilidade partilhadas: o fantasma do corpo viril e totalmente imunizado do que a ameaça a sua vontade de poder, é um corpo incapaz de *compromisso partilhado*, de (com)partilhar a vida como *teia de interdependências e fragilidades assumidas*. O grande paradoxo aqui é que a codificação do corpo cultural que associamos ao risco, glorificado na cinética heróica de um certo masculino, é também o corpo paranóico do controlo, o corpo que recalca e reabsorve o risco no cálculo. O que nomeámos acima Feminino do Ser é a de *um outro rosto do risco*: o da *exposição* constitutiva à *nossa vulnerabilidade partilhada*, o da *abertura* à alteridade múltipla. Se não decidirmos, colectivamente, *cuidar da nossa fragilidade comum*, numa exposição-em-comum à nossa mortalidade e não assumirmos, enfim, que ela não pode ser estigmatizada como uma *vitimização instrumental* ou uma *patologia identitária*, o mundo *comum* *soçobrará* e *degenerará* numa *luta fratricida pela sobrevivência*, que *abrirá a via para um ecocídio terrestre irreversível*. A (nossa) humanidade (*como o sistema imunitário simbólico partilhado*) é o equilíbrio instável de uma exposição à mortalidade que se faz na *adaptação regeneradora*, na atenção generosa da *entre-ajuda* e das *solidariedades ontológicas dos viventes terrestres*.

Por isso temos de nos perguntar: o que é ter medo? Porque temos medo? De que temos realmente medo? Porque é que construímos e mantemos em nós *sintomas do medo*? Porque é que eles, *re-significações* não conseguidas, do mal que ronda e corrói, persistem em oferecer, ainda e apesar de tudo, uma certa *inteligibilidade malograda*? Porque é que continuamos a denegar a força criadora de *arriscar a vida* como gesto de encontro e de abertura? É preciso arriscar uma certa amizade com os *nossos medos*, como nos aproximáramos discretamente, *furtivamente* de *um grande animal*. A frequência dos sonhos é maneira privilegiada de dialogar com os nossos medos. Quais são os grandes sonhos, aqueles reveladores

do nosso *psiquismo profundo*, que estão agora a ser sonhados? As artes são um dos lugares onde se pode dialogar com estas dimensões do ser: deveriam ser *espaços de ressonância, lugares de enfrentamento*, e não de evitamento e fuga. Não lugares para se distrair e entreter, para a evasão e para o alheamento, mas para *ir ao encontro* destes territórios desconhecidos que nos transportam (e que transportamos em nós), das suas imensas galerias secretas de objectos e imagens do desconhecido, que são traduzidas pelos artistas em *palavras e visões, iluminantes e oblíquas*, encriptadas na obscuridade nativa da arte. E que nos permitem ir ao encontro de nós mesmos e dos outros. Os encontros com aquilo que não está alinhado com as ordens do conhecido, o potencial do encontro e da surpresa transformativa que nos agarra e toma, mesmo quando explora arqueologicamente aquilo que em nós são as memórias mais arcaicas e os passados que nunca passaram, convertendo-se em *arrancamentos* das rotinas e *extracções* das anestésias. Abrem espaço em nós, dão lugar em nós, para aquilo que permanece incompatível e inadaptado com os padrões e comportamentos da vida administrada. Essas *experiências*, essas *qualidades*, inquietantes e perturbantes, erguem diante de nós as disjunções entre o que dizemos e sabermos, entre o que sentimos e o que mostramos, entre o que afirmamos e o que silenciemos. Essas *zonas de disjunção* – que são também zonas de fricção – onde se encenam as vozes dos nossos confrontos com a linguagem, com o dizível e com o mostrável, com o que podemos tornar visível e tornar enunciável, são espaçamentos do risco e do arriscar.

Na nossa luta com o formulado e com o in formulável, a arte *toma parte*: pede-nos que arrisquemos *o nosso desejo de ser* como se fosse algo infinitamente precioso, uma voz inextinguível e imperiosa. Como uma convocação, como um apelo a(o) ser: para que possamos ir onde não sabemos que somos, onde algo desconhecido nos fala e fala de nós. A liberdade (interior) é uma *convocação*: uma voz a que Anne Dufourmantelle chama a “*profecia íntima*” (o Paulo Coelho, menos poeticamente, chamou, num belo livro muito célebre que todos deveríamos ler em novos, a “*lenda pessoal*”). Não morrer, cada dia um pouco em cada pequena renúncia, resignação ou desistência, não deslizar cada dia um pouco para a brancura infecunda da depressão e da tristeza do coração acontece

no movimento do arriscar ser. Arriscar a vida, em momentos decisivos da nossa existência, é *um acto que nos ultrapassa* e onde nos ultrapassamos, a partir de um *saber-presentimento* e de um *saber-presságio, ainda desconhecido de nós*. Esse é o lado *visionário* da criação: das visões imaginadoras e das imagens-guia da profecia íntima, das mensagens singulares que a inteligência do inconsciente nos envia, uma linguagem de *regresso à fonte*, de *regresso a casa*. Mas temos medo daquilo que é a nossa capacidade de percepção alargada e amplificada, estendida para lá dos limites do eu e do ego, aquilo que em nós é visionário e que a linguagem comum chama de *intuição*: esses murmúrios proféticos de uma voz íntima, de uma profecia íntima, de uma capacidade de percepção e de inteligibilidade mais vasta, mais funda, mais arcaica que o eu. A criação artística ensina-nos que vemos não apenas com os nossos olhos (ou com os cinco sentidos, estritamente entendidos) mas com *esse fundo de percepções mais amplas* que nos habitam. São elas que nos dão acesso a objectos que ainda não são objectualizáveis, que ainda não figuram por entre o mundo das coisas perceptíveis e claramente apreensíveis. “Coisas” remotas e arcaicas, longínquas, que foram arredadas e apartadas: coisas *antiquíssimas*, restos fósseis, misteriosos, de um tempo antes do tempo, relíquias das nossas memórias não vividas (de que o inconsciente é lugar de tradução e transporte). Na arte abriga-se muitas vezes um conhecimento indesejado e recalcado: acolhe-se e dá-se hospitalidade ao imemorialmente esquecido, aquilo que nem esquecido foi porque não pode ser lembrado e que, em bom rigor, está ainda diante de nós. O maior risco, o arriscar a vida, neste sentido preciso da criação artística, é o de abrir qualquer coisa de escondido e profundamente soterrado. Um *saber sem conhecimento* (porque dele não se constitui um conhecimento apropriável) ou um saber para lá de qualquer conhecimento, que só se dá na profecia íntima de uma voz interior que nos percorre. Esta dimensão de desconhecido em nós, que inesperadamente *reaparece* e surge como surpresa que *aflora* na superfície da consciência, mostra-nos que a verdadeira viagem é para o mais interior: para o *risco do mais íntimo*. O *mais interior de nós*, o mais para dentro, o que é? Como o nomear essa conexão directa com o essencial mais obscuro? Esse radical hiperbólico, esse limite interno, mais interior e mais antigo que o eu ou que a identidade, essa profecia íntima é-nos tantas vezes mais estrangeira que

qualquer estranho, mais distante que qualquer exterioridade espacial e mais amplamente (es)partilhada que qualquer laço social ou memória colectiva.

O íntimo é a nossa amplitude secreta. O espaço da nossa loucura íntima, mítica, mítica, escreveu Anne Dufourmantelle. É no íntimo, no tempo íntimo, que acedemos a uma forma de atemporalidade (Maria Zambrano tem tantas páginas magníficas sobre isto), que tomamos contacto com o imemorial ou com uma memória antes de qualquer passado. Aí temos um combate sem adversário, um amor sem factos, um desejo sem consciência de si: uma *esfera de experiência*, totalmente maternal, selvagem e desconhecida. Entre os mais elementares e indispensáveis *insights* da psicanálise é que há um conhecimento liminar que atravessa as nossas vidas vividas ligando-as a uma vida não vivida (ou por viver ou vivendo noutro espaço-tempo), que há lembranças de coisas não lembráveis que emergem, impessoais, cósmicas, transcendentais, profundamente singulares, íntimas e que tantas vezes reconhecemos como profundamente colectivas (e, talvez, universais). Criar hospitalidade e acolhimento para um *largo, raro e delicado* espectro de *experiências visionárias, intuitivas ou de percepção alargada* é a tarefa arriscada da arte (aqui, neste texto, instrui-se ardentemente essa convicção). As experiências de um tempo inicial, de um tempo antes do tempo, um tempo da vida ligada religada e entrelaçada, das coisas que fizeram a vida *in the very begging*, no começo do começo.

No amor há uma *arte da dependência salutar, salvadora*. Não uma dependência fagocitadora: como uma dependência com a qual podemos dançar e compor, uma dependência dançada e desejada no equilíbrio de corpos livres que se apoiam e equilibram mutuamente, na contra-força da sua solidão e na sua fragilidade comum e por isso se arriscam mutuamente, sustentam os seus *arriscamentos parceiros* e aliados. Nada pode começar e acontecer se não partimos do *detalhe, das nuances*, a ressonância, se não começamos por olhar para aquilo que em nós está impedido, que está amalgamado, *lá* ou *nisso* onde nos ignoramos e onde não nos escutamos, aquilo que em nós é o *negativo* ou a *noite*, tudo o que pudemos projectar do domínio das paixões negativas e que temos de enfrentar. Como podemos reencontrar algo da liberdade, atravessando a nossa noite,

encetando um caminho de reapropriação das sombras, um caminho que tem o fogo sagrado da paixão no seu âmago. A *paixão* é a *substância* do risco: ela faz-nos reencontrar o que ignoramos de nós; o efeito absolutamente imperioso que ela tem de nos sublevar, de nos erguer, de nos fazer reencontrar aquilo de que tínhamos fugido ou aquilo que tínhamos abandonado. A *paixão amorosa* é como uma forma de cura tóxica: a emoção catártica e de conversão à vida, pensamento do amor e do espiritual, mas ao preço do risco, da aposta, que ela sempre comporta (por vezes muito elevado). Uma aposta onde uma das polaridades nos escapa: é uma aposta na *felicidade* mas é um pacto arriscado com o imprevisível e com o futuro. O que caracteriza a *neurose* é o *evitamento da paixão* a todo o custo, o evitamento do imprevisível e o inesperado, a negação e a denegação não assumida da parte desconhecida de nós, que a paixão convoca. É certo que estamos todos sempre um pouco sob o jugo da neurose, porque é essa a condição do sujeito, da escassez do mundo materialista do consumo, do entretenimento que organiza as máquinas da distração e da atenção. Mas a neurose, como um dos nomes do evitamento do arriscar a vida, sobredetermina o futuro a partir das *engramações* do passado em nós, para evitar o encontro com o *inédito* e com o *inaudito*, com o que viria expor-nos, percutir-nos, sem que pudéssemos antecipadamente desenhar um território e uma geografia mapeada e dominada. Abrir a *possibilidade do imprevisível* é o que sempre nos acontece, quer queiramos, quer não, quer o desejemos, quer não. É da paixão que nascem as nossas capacidades criadoras. *Não há criação sem paixão*: sem essa travessia do risco e da morte. Em toda a paixão, há *uma reserva de desconhecido*, que sempre nos exige uma *reviravolta* e uma metamorfose, de uma possibilidade de transformação do asselvajamento e da bestialidade em graça, em elevação, em elegância. Mas cabe-nos a escolha: podemos fechar-nos a essa abertura arriscada e soçobrar no estiolamento da neurose.

“Um mundo colapsa e desaparece e logo um mundo novo surge”, escreveu Kafka no seus *Diários*. Há poucos momentos da vida que são retomáveis e reprogramáveis, mas que haja um antes e um depois inconciliáveis e irreversíveis, isso também diz algo de essencial sobre a nossa condição de seres no tempo. A *substância de um mundo* foi transformada e, por exemplo, podemos cair

na neurose de pedir que nos devolvam a normalidade, o mundo anterior e fazer como se nada se tivesse passado, como se nada tivesse acontecido, como se nada tivesse – no fim de contas – de mudar. Que o mesmo mundo possa *aparecer como totalmente outro*, que ele seja transfigurado mesmo se a deslocação nele é mínima e impercetível: isso é o que o risco abre. Na criação artística e na experiência espiritual há momentos assim. O ser humano foi feito para *atravessar* esses momentos. Evitar consentir à (inter) dependência (a salutar, não a dependência tóxica do perverso narcísico) é morrer na sua própria vida de numa espécie de vida branca e anódina, evitar os momentos de viragem e reviramento, negando o que eles têm de catastrófico, i.e., da chegada ao fim de um certo mundo e de uma certa história. Mas essa história ou esse mundo imediatamente se abre, cabe-nos a nós *arriscar escrevê-lo* e não achar que ele está já inteiramente determinado por aquilo que parece anunciar ou prometer: uma certa economia do medo e da fragilidade, da ansiedade e da angústia hiperbólica da incerteza, que a neurose mantém. Estamos sempre aterrorizados com a ideia de *perder* (perder a segurança, perder o tempo, perder o trabalho, perder a reputação) e *fracassar* (fazer a escolha errada, ter ido para o curso errado, não ter ido para a cidade tal, não ter dito àquela pessoa que a amávamos, não ter ido ou não ter dito). Mas nunca sabemos bem, nunca podemos ter a certeza, do que perdemos ou do que ganhámos. O inconsciente neurótico é eminentemente conservador, porque quer evitar a perda e o fracasso a todo o custo. Mas o risco, o risco como paixão e como aceitação do destino (como *amor fati*, diria Nietzsche), é o que pode responder soberanamente à neurose.

Podemos ter a certeza de que *a vida não espera por nós*, que o tempo não espera. O tempo é uma espécie de dobra ou duplicação da relação com a realidade onde julgamos mover-nos: por vezes, descobrir que podemos ter outra relação com o tempo e com a realidade, e não ficar esmagado e submetido a ela. Ganhar liberdade na relação ao tempo *é abrir-se ao risco*: seja o tempo do tédio e da melancolia, o tempo perdido da deambulação ou tempo contemplativo e meditativo. Não se cria (artisticamente mas isso é extensível todas actividades criadoras) senão nessas *praias nuas do tempo*, sem esse *tempo* vazio que abre a possibilidade de um espaço de arriscar. Por isso, a *sobreocupação* de um

tempo bombardeado e sobre-estimulado, de um tempo acelerado e hipertrófico, é mortífera e destrutiva (a obra da neurose, diria a psicanálise). Sem o ócio ou tédio, *a parte de desconhecido*, a *reserva interior* não emerge, não aparece. Esse *tempo livre*, *tempo liberto do tempo*, ensina-nos que não somos mestres do tempo, que o espaço do acontecimento precisa dessa *abertura do tempo*. Deixar que a tristeza ou a melancolia nos atravessasse é não se confundir com ela; acolher a tristeza em nós sem estar triste, permitir que *a melancolia do tempo* se instale em nós nesse espaço entre si e a tristeza, aí inventa-se, cria-se algo que é o contrário da depressão e da neurose, uma possibilidade da alegria, uma travessia, uma viagem, um risco corrido e assumido. Uma *alegria penumbrosa*, na expressão que Maria Zambrano amava tanto.

Risco íntimo, risco da existência, risco da paixão, risco de assumir o lugar, risco de tomar a palavra, risco de fazer escolhas. *Arriscar a parte de desconhecido que o desejo convoca* é arriscar viver. Arriscar a (sua) vida é não identificar o *si com o eu* mas uma convocação a deixar-se *transbordar*, deixar-se *interpelar* pelo momento, pela história, pelo colectivo, participar na *co-criação do mundo* e não ser apenas algo ou alguém que o suporta passivamente. A nossa época está sob signo da administração e da gestão do risco e isso significa que o medo, ou a ameaça do negativo, tomaram conta dela, *sufocando-a* na neurose. Tantas vezes não vivemos o presente senão na possibilidade de evitamento de um determinado futuro, preservando ilusoriamente a autonomia do ser, evitando qualquer acção desviante que possa pôr em causa essa formatação securitária. Aquele que não está formatado, não se sabe o que vai fazer ou como se vai comportar: isso é um risco para o sistema e para as máquinas identitárias da reprodução social. O terror que nos assola, que se apoderou de nós, tocou-nos muito profundamente e a resposta securitária, engendra sempre mais medo e violência, engendra a suspeita generalizada, a paranóia onde mora o ovo da serpente. E todos os políticos populistas têm a compulsão para usar o medo porque isso lhes dá um ganho imediato: *agem exatamente como a neurose* – controla-se e fecha-se a possibilidade de presença ou invasão do estranho e outro, e cada coisa é mantida no sítio e todos os desvios reprimidos, todas as transgressões condenadas. O controlo maníaco (a neurose como dispositivo

de poder) instalou-se insidiosamente e veio para ficar, cada vez mais paranóico e autoritário. O outro tornou-se um risco que não podemos correr.

O surgimento onnipresente da *morte no espaço público* altera a relação com o risco porque banalizou a morte numa cena repetida à exaustão, fazendo dela uma ameaça difusa permanente. A construção de uma percepção exacerbada do aleatório e do contingente como irrupção da morte na vida é totalmente ansiogénica porque inconscientemente fragiliza as expectativas de continuidade e de regularidade. A morte pode irromper subitamente, sabêmo-lo, mas não vivemos como se fosse o último dia: vivemos na certeza de uma continuidade e na esperança de um horizonte futuro próximo. Nós sabemos-nos mortais mas não vivemos como mortais: chegamos à vida e logo chegamos ao risco de morrer, numa ambivalência insuprimível, mas fazemos um pacto tácito, secreto, com o tempo, de que vamos ter tempo para viver. Isto toca o arcaico em nós, as coisas profundamente enterradas desde o princípio dos tempos, os terrores primordiais, os medos-pânicos ancestrais que estão engramados no nosso inconsciente. Estamos a acordar monstros: nesta oscilação ciclotímica que, ao mesmo tempo que nos consola e tenta tranquilizar racionalizado a situação, nos injecta doses colossais de dúvida e incerteza. Inventar a vida, arriscar a vida, é sempre ultrapassar algo do terror e do choque do real, da adversidade, da alteridade que se apresenta diante nós ao longo de toda a existência. Como o corpo da criança que, se não for cuidado, não sobrevive, sem este cuidado físico e psíquico, todos seres se desmoronam ou desenvolvem patologias defensivas destrutivas (para si e para os outros). A verdade do nosso ser emerge nesse cuidado confiante que nos ensina a dançar com o caos e a lidar com os riscos. Chegamos a nós mesmos por uma diferenciação progressiva de coisas arriscadas, de um jogo calculado com a ambivalência do risco, etapas de relação com a solidão e com a intempestividade do devir, risco que estamos sempre a tentar mitigar (tentando voltar ao seio maternal, com a nostalgia de uma fusão perdida com o outro).

A aventura do risco refaz-se a cada etapa da vida. Cada vida tem os seus riscos próprios, cada etapa os seus riscos particulares. Assumir o risco é ao mesmo

tempo ser si-mesmo mas também desfazer-se de si, arriscar suspender-se como ego, como sujeito do controlo e da sujeição. O eu perceptivo é muito mais largo do que a consciência e esta muito mais ampla do que a janela do eu. Faz-nos participar em acontecimentos mais amplos da vida, que podem não coincidir com o que sabemos ou julgamos saber sobre ela. Quando caminhamos numa floresta tornamo-nos a floresta (como no êxtase místico a participação na natureza da transcendência) e participamos numa vida mais ampla. É por um estado de participação e percepção mais amplo que estamos religados à vida ampla, uma vida em baixo contínuo a acontecer em nós, que nos conecta com outras formas de vida e dimensões do ser. Há estados de ser que nos fazem abrir-nos a outras dimensões do ser que vão expandir a consciência, assumir um risco corrido mas acompanhado por essa vida ampla, aquilo a que o eu se recusa porque perde o seu poder (são múltiplos os textos de Henri Michaux podiam aqui ser chamados). Destituir a vontade ou o poder para arriscar uma liberdade interior, uma liberdade de ser, abrir a possibilidade de abandono total onde encontramos um desprendimento que nos transporta ao encontro de si, a um estado de revelação de si a si mesmo (e, simultaneamente, de desvendamento do espanto diante do mundo). Na grande amizade e no grande amor, cada um é o revelador do outro, tocam-se (sem se tocar materialmente) ao atingir e tatear uma certa verdade um do outro, abrindo-se a uma possibilidade transmutação de corpos e do ser. Mesmo que isso seja em parte ilusório: mas condenámos e esconjurámos tanto do ilusório que tememos arriscar-nos, porque temos medo ser rejeitados, medo da frustração e do inatingimento. É bela a paixão mas tantas outras vezes são duas ilusões que se secundam mutuamente, dois narcisismos que se conjugam, qua avaliam constantemente os sinais do amor prometido. Há o momento da entrega e do alto abandono, do não-retorno e da irreversibilidade que é eminentemente arriscado: não saímos os mesmos mas nunca saímos indemnes, já não nos pertencemos da mesma maneira. Não podemos aceder a uma autonomia sem a prova da dependência, do abandono ou da entrega. Paradoxalmente assumimos a independência quando aceitamos a dependência e relação, como se nos libertássemos da dependência para arriscar ser mas para *ser-com*, para ser em relação. Trata-se de atravessar, de atravessar esse espaço do dom, da entrega e da aceitação e ver o que resta e o que resiste: muitas

vezes é a nossa verdade como seres vulneráveis, como seres em vulnerabilidade partilhada. Só fazemos a experiência da autonomia depois de termos assumido a interdependência, de ter atravessado o espaço da dependência, do dom e do contra-dom, do ser uno e do ser com como duas condições que se co-criam mutuamente. O que se troca neste espaço é a emergência de uma verdade de si que não se conquista contra o outro, mas uma verdade que emerge nesse tecer de partilhas, de reciprocidades, de espelhamentos assumidos e interrogados.

A paixão do pensamento é um espaço do secreto e do risco: é esse momento onde nos deixamos atravessar, onde não somos nós mesmos, onde somos trespassados, onde somos nós mesmos e somos outros, onde algo fala em nós, onde a coisa que pensamos nos pensa, onde somos pensados por aquilo que pensamos. Torna-nos secretamente um escriba de uma profecia íntima, lá onde somos atravessados pelo sopro do pensamento. Como na amizade e no amor, há um espaço do segredo que toma conta de nós e há uma outra dimensão que se abre, à qual podemos ser fiéis ou não, à qual podemos ou não responder, com a qual podemos ou não ter uma relação de verdade. O segredo não nos pertence inteiramente. É o segredo e o secreto que decide de nós, como um devir-secreto que pode fazer de certas experiências um risco, porque a sociedade que controla e vigia, condena certas actividades a uma clandestinidade furtiva. A sociedade persegue todos os que ameaçam a sua estabilidade, acoassando-os e fazendo com que os seres tenham de estar permanentemente atentos ao que pode fazer perder um percurso e uma posição. Há uma ferida mística, uma incandescência extática, que tem de arriscar a sedição e a a-socialidade, com a elevada factura que a sociedade exige àqueles que se separam e se des-solidarizam do grupo. Como enunciou Blanchot, no seu magnífico livro sobre a comunidade (inconfessável), o espaço dos amantes, o espaço da amizade, o espaço literário e o espaço do pensamento, na sua capacidade subversiva são espaços revolucionários mas com uma irredutível parte de segredo.

Maurice Blanchot aborda a questão do risco de uma perspectiva literária e filosófica, ligando-o à experiência da escrita, do pensamento e da própria existência. Vê-o como uma força criativa, mas também como um perigo

potencial, intrinsecamente ligado ao acto de se aventurar no desconhecido. Para Blanchot, a escrita não é uma simples expressão de si, mas uma experiência arriscada, um salto no desconhecido em que aquele que escreve (ou desenha ou pinta) se confronta com o absurdo, o vazio e a impossibilidade de apreender plenamente o sentido do que está a experimentar. É um processo que envolve a possibilidade de destituição da própria identidade do autor (e do leitor). Blanchot explora a relação entre o eu e o(s) outro(s), o ser e o não ser, humano e inumano expondo o risco inerente a cada encontro. A alteridade radical pode pôr em causa os fundamentos da nossa própria identidade. O pensamento, a escrita, a criação, não são uma busca de certezas, mas uma aventura na incerteza, um questionamento perpétuo, uma conversa infinita, que nos confronta com os nossos próprios limites (através da experiência limite da criação). Não existe uma verdade definitiva e acabada: apenas tentativas, aproximações, abordagens ao inabordável e movimentos que nos mantêm em suspenso (em risco). Blanchot, crítico acutilante da política, empenhou-se nas lutas políticas (depois de algumas adesões catastróficas nos anos mais sombrios), mas sublinhou sempre o risco inerente a qualquer empenhamento, a possibilidade de se perder numa causa, de trair as suas próprias convicções. Valorizou em cada acto a ideia de transgressão, de ultrapassar os limites, como modo de aceder a uma forma mais profunda de verdade ou de consciência, de sair dos trilhos batidos, de questionar as normas estabelecidas. A perda, a destruição e o vazio são o risco da experiência criadora mas sem ela não há acesso a uma certa verdade de si e da vida. Por isso, a beleza não é algo tranquilizador ou pacificado, mas algo perturbador e perigoso, que nos confronta com o desconhecido e o absoluto: o risco mesmo. O risco não deve ser evitado, mas sim aceite e acolhido como a condição essencial da existência, do pensamento, da escrita e da criação artística.

Deixar-se atravessar é um risco: é um estado de desprendimento, um enlevo que nos encadeia numa exterioridade, numa parte de desconhecido. Uma outra dimensão que se desdobra, que se apodera que de nós. Se consentimos ou acedemos, se nos deixamos guiar há riscos para os modos de vida convencionais, os modos de vida da socialização e da aculturação. Acedemos à parte de desconhecido, a uma parte de verdade em nós que compromete a adesão aos

modos de vida que escolhemos e aos mecanismos de conformação que eles instalaram em nós. Há obsessões que se vão instalar, ideias, momentos, que nos vão desviar dos nossos afectos habituais, das nossas dobras e redobramentos, dos nossos modos de sentir domesticados. E não sabemos a que lugar isso conduz, às transformações que engrenou, deslocando-nos e abrindo um espaço de descoincidência de si a si. Como um grande amor ou uma paixão arrebatadora, no pensamento e na arte, seremos postos fora de nós, descobrindo afinidades, diapasões, ressonâncias inauditas. Se não formos até ao extremo desta perda de nós nada de transfigurador se passa.

O inconsciente trabalha sempre em conflitos de acção, exprime-se sobre movimentos de impulso e contra-movimentos de inibição, numa luta de morte (e até à morte) das forças de conservação face às forças de metamorfose, os dois campos de forças que se afrontam e se testam mutuamente. A neurose é uma máquina de inibição e de irresolução, que multiplica os inconsequimentos e as impossibilitações, perpetuando até à morte os velhos esquematismos familiares, os enquistamentos, os caminhos batidos e carris encaminhadores, o estado de coisas estabilizado e positivado. A neurose é a grande máquina da segurança e das garantias, que tem horror do inédito. Conseguir apreender situações novas, o inesperado e o inédito, implica sempre uma instabilização e uma oscilação na homeostasia e na metaestabilidade do equilíbrio psíquico e emocional: só há abertura ao novo quando a neurose não capturou todo o potencial de metamorfose, enclausurando-o na sua prisão de hábitos e rotinas, que reiteram as razões “razoáveis” da inércia. A neurose procura sempre neutralizar ou reconduzir ao conhecido, às rotas já traçadas, fazendo triunfar as forças de conservação sobre as forças da metamorfose. Como ensina Emanuele Coccia, a vida é a iteração das metamorfoses e a obra da morte em nós é a perspectiva isolacionista e separatista da conservação, do estado de inércia, da não transformação de uma coisa noutra coisa (que é a lei metabólica da vida). A vida é modulação infinita das mudanças, a variação das transformações, que renovam e regeneram incessantemente as forças da vida. A neurose é o enquistamento: a individuação fica armadilhada, o sujeito tem o sentimento de estar aprisionado, ficando refém do ressentimento e do rancor, das feridas surdas

que as paixões tristes engramam em nós. Quando a pulsão de vida (a libido no sentido alargado: o desejo, a sede de viver), está encurralada, ela vira-se contra o sujeito: a energia criativa e criadora, a energia da vida exprime-se sempre, mesmo que para isso tenha de explodir no confronto frontal com as pulsões de morte.

Todos esses momentos de decisão crucial, que inauguram e começam, outra vez e mais uma vez, quando o risco é assumido, retroceder é impossível. Esse tempo é o milagroso oposto da neurose, cuja marca registada é precisamente a de levar o futuro para uma rede de aprisionamentos, de modo que nosso presente seja moldado de acordo com a matriz de experiências passadas, não deixando espaço para nada quebrar e entrar. Correr o risco de amar, quando tudo nos faz temer o horror do vazio, correr o risco de quebrar o silêncio quando falar parece ter-se tornado impossível, correr o risco de quebrar para não ter que morrer vivo em vida, é a vitória íntima da verdadeira ousadia, que todo o poder securitário e do controlo dos fascismos gostaria de domar. Um ser que age na confiança e na capacidade de experimentar a sua liberdade é menos fácil de influenciar do que um governado pelo medo e pelo temor (os trabalhos de Eva Illouz sobre as emoções políticas são uma das mais eloquentes demonstrações), pelo imprevisível e pelo inantecipável. Quando nos lançamos no inédito o tempo bifurca: abrimos linhas de tempo onde o acaso e a intenção, a destruturação e reorganização irreversivelmente chegam a novos equilíbrios. A lógica da depressão e da tristeza é a impossibilidade de encetar um novo equilíbrio: uma parte de si quer mudar enquanto outra a impede, gerando uma estagnação que leva a um estado de letargia ou de inércia. A exacerbação da ideia de perda e de fracasso impedem a prova da coragem e da ousadia que fazem a substância do ser livre. Mas é preciso assumir correr o risco para não se enovelar no arrependimento e no ressentimento, para poder crescer e ser modificado intimamente, para retirar a força interior. Toda a metamorfose interior começa com um primeiro passo. Mas para isso é preciso ter renunciado já à pulsão de controlo da neurose e aceitar a incerteza, ousar desprender-se, deixar de agarrar a situação para que flua o encontro e a capacidade para estar presente e disponível para o inesperado, e para o surgimento. Toda a nossa organização psíquica consiste, tantas vezes, em fazer barreira ao inesperado

e seguir as mesmas trajetórias, pois fomos condicionados para ter sempre medo de desagradar, de ser abandonado, de sofrer, de não ser amado.

Arriscar é apelo, chamamento, convocação. Um apelo a ser e ao desconhecido, ao outro e ao acontecimento, a tudo o que excede, ao incomensurável. Em certo sentido é a vida que se arrisca em cada um e se renova através de nós, nós que fomos um renascimento da vida ao virmos ao mundo. Se a vida se arrisca em nós, então estar verdadeiramente vivo não consiste em perpetuar a vida no sentido de uma conservação, mas de continuar renovando o impulso vital da transformação que cada vivente transporta em si. Esse risco de ser que põe o nosso ser em risco é a vida da vida em nós, é o mais vivo em nós, que nos impele à metamorfose. Mesmo correndo o risco de perder ou de dar vida para enfim a ganhar, nós não possuímos a vida como possesores soberanos mas como hóspedes desapossados que consentem nessa extática possessão, como veículos e como seres em transição, de um *fora-de-si* que nos irriga intimamente e intensamente. A consciência é um risco que advém da libertação de tudo o que fizeram de nós. Os *libertados vivos* são aqueles percorridos pelo sopro e pela respiração dos encontros, por aqueles que descobriram tantas maneiras de morrer em si, quantas de renascer para si: o amor e a arte, a poesia e o pensamento, a escrita e o esquecimento, o sonho e o desconhecido, a solidão e a perda, a passagem melancólica do tempo e emoção espantada, tão delicada e tão frágil, de ter vivido. Não ceder sobre o desejo, não fazer os compromissos aceitáveis e razoáveis que nos podem encerrar no inferno da mesmidade e da vida sem risco que desliza silenciosamente para a depressão, a tristeza e para a repetição do trauma é o que nos abre a vida aventureira, o futuro e o novo, o outro e a diferença, a esperança e a inspiração. Arriscar ousar a liberdade, arriscar dizer a verdade, arriscar o seu desejo e o seu sonho, arriscar a intuição e o acordar, arriscar a escuta e a visão, arriscar a intensidade e a vitalidade, arriscar comprometer-se e participar é estar lá, no lugar móvel e no espaço incandescente onde a vida se dá. Lá onde ela é hospitalidade ao que nos transcende, lá onde recebemos o acontecimento e o diapasão vibrátil que dele nos trespassa. *Consentir ao mistério*, disse ela.

Escritas : Manifestos principiou, em 2022, por uma colecção de cadernos compilando a tradução de entrevistas e escritos de artista, documentos actualmente em depósito no acervo da biblioteca da ESAD.CR. Nesse mesmo ano lançamos o primeiro caderno com texto original *Poesia para uma Revolução (im)possível (fragmentos sobre os tempos múltiplos do Manifesto)*, de Rodrigo Silva. Em 2025, retomamos estes cadernos que se organizam em duas linhas editoriais: a transcrição e edição de aulas abertas ministradas por convidadas.os e a publicação de textos-manifestos originais redigidos por colegas de variadas áreas de estudo e cursos leccionados pela ESAD.CR.

Escritas : Manifestos reúne materiais coligidos na preparação de aulas, ensaios ou esboços para conferências, ou comunicações que não foram ainda alvo de edição, tal como resultados da investigação prática ou teórico-prática realizada no campo do Design e da Arte.

Coordenação editorial

Isabel Baraona

Design e paginação

Rosa Quitério

ISSN

2795-5907

Caderno n.º 8

Publicado em outubro de 2025

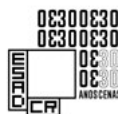
<https://lida.pt/>

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Financiamento Base com a referência UIDB/05468/2020 e o identificador doi.org/10.54499/UIDB/05468/2020

APOIOS



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



ESCRITAS : MANIFESTOS

CADERNO N.º 8

APOIOS

